

---

**SILVEIRA, Jorge Fernandes da.**  
***O retorno do épico e outras voltas.***  
**Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.**  
***O retorno do épico: sobre a escrita de***  
**(em) Portugal.**

Nefatalin Gonçalves Neto  
*Universidade Federal Rural de Pernambuco*

**DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2024.n52a1311>

*O retorno do épico e outras voltas* (2023), livro de Jorge Fernandes da Silveira, publicado pela Oficina Raquel, é título já incontornável dos estudantes de Literatura Portuguesa, em especial aqueles se debruçam sobre a poesia portuguesa do século XX. Isso, porque, além da presença de Camões como farol-guia para o livro, o professor se debruça sobre nomes fundamentais da poética portuguesa que retomam-continuam esse farol-guia em modelo diferencial. Por tal preâmbulo, já se apresenta uma questão fulcral: como abordar esse mais recente título da lavra do iminente professor?

Para além da polaridade clássico-contemporâneo, o percurso analítico de Silveira é muito próximo daquilo que reflete Walter Benjamin, em 1936, no seu ensaio “O narrador. Considerações sobre a

obra de Nikolai Leskov”. Nele, o pensador levanta pontos cruciais para pensar o problema da narrativa. Dentre eles, um fator seminal: o distanciamento entre o que se escreve e o que se conta como algo acontecido. Para além dessa distinção, Benjamin nota que há um distanciamento cada vez maior na capacidade de contar. Narrar tornou-se algo raro.

Evocamos essa condição descrita por Benjamin para pensarmos o texto de Silveira, pois ela permite vermos seu contrário: se nem mesmo a ficção sabe muitas vezes o que contar, o professor-analista, sempre com os olhos postos em Camões, narra a Literatura Portuguesa, experiencia sua realidade mais interna. Como bom aedo, re-encontra no processo analítico da literatura um modo de partilhar a sabedoria, de contribuir para o “progresso do humano” e ler, em chave versífica-intertextual, a história de um país e de sua língua em uso literário. Da aguda consciência de seu modelo de análise, o professor faz confluir, em seu ensaio inicial (precedido de um prefácio escrito por Helena Carvalhão Buescu e um introito que explicita o nascimento do livro), um diálogo polêmico no qual contrapõe o pensamento de dois mestres: o escritor e crítico português António José Saraiva e sua orientadora, Prof. Cleonice Berardinelli, nas leituras que fazem de Camões.

Passado o texto-embate, temos, efetivamente, o início do livro, dividido em quatro seções – intituladas argutamente de voltas – antes de encerrar-se com um texto que amalgama outros três. Assim, a primeira volta, intitulada “Sumário épico”, apresenta um conjunto de dez textos nos quais autores como Gonçalo Tavares, Fernando Pessoa, Jorge de Sena ou Maria Gabriela Llansol são lidos à luz de *Os lusíadas* em suas múltiplas capilaridades intertextuais. Desde relações mais simples (como a de *Mensagem* ou *Uma viagem à Índia* com o texto épico seiscentista) até aquelas menos óbvias – como serem os *Dezanove recantos* de Luiza Neto Jorge “[...] um texto que se nomeia,

explicitamente, dobrado sobre o camoniano” (Silveira, 2023, p. 63) ou de ser as *Metamorfoses* de Jorge de Sena “[...] um terceiro texto de gênero épico entre *Os lusíadas* e *Mensagem* [...]” (Silveira, 2023, p. 63). É pela condução desse processo de ler o novo à luz do clássico que Silveira desfia uma série de inferências às obras analisadas.

As análises, para além de seus quesitos inventivos e clarificadores, colocam em evidência como a Literatura Portuguesa ainda é, além de obras diversas e autores díspares, um prolongamento daquela experiência que Benjamin decretou morta pela intensificação da crise própria do horizonte moderno. Tal esforço, composto de uma galeria imensa de autores, apresenta um conjunto coerente, estruturado semântica e interpretativamente, para o deslindamento da perspectiva teórico-crítica do autor e de sua compreensão leitora da cultura literária portuguesa do século XX e XXI.

A segunda volta – intitulada “Amor sujeito” – apresenta sete artigos que versam sobre Eça de Queirós, Ana Luísa Amaral, Maria Velho da Costa, Ana Marques Gastão, Maria Teresa Horta, Gastão Cruz e Luiza Neto Jorge. Chama atenção, imediatamente, a pluralidade de gêneros analisados, quatro poetas, uma ensaísta e dois prosadores. Mas a presença dos prosadores desanuvia a interrogação no ato de leitura: Eça terá um conto lido às luzes das cantigas de Amor, Escárnio e Maldizer; já o conto de Maria Velho da Costa será entendido como poema em prosa. Ana Marques Gastão, por seu turno, é uma leitora da poética portuguesa, nome brilhante que se junta à constelação de que se vale Silveira para realizar leituras em torno da poesia portuguesa.

À parte de sua aparente fragmentação, a segunda volta se alinha em torno, como bem sugere o título, da temática do amor e suas relações com os modelos estéticos de Portugal. Na leitura dessas encenações textuais, os entrecortes realizados pelo fino intérprete

compõem um produto no qual a gênese amorosa lusitana em suas formas simbólica e imaginária são perscrutadas analiticamente.

A essa leitura segue a terceira volta – intitulada “As palavras entreditas” –, cujo conjunto também apresenta sete artigos, seis deles divididos entre Carlos de Oliveira, Fiana Hasse Pais Brandão, Herberto Helder, Maria Velho da Costa, Sophia de Mello Breyner Andresen e Irene Lisboa, todos precedidos por um ensaio iluminador intitulado “O retorno do épico ou *As palavras entreditas*”, texto mais antigo da coletânea (2008, como informa o autor) que intenta, em quatro passos, pensar o imaginário lusitano do século XX à luz de confluências de Alexandre O’Neill, Gastão Cruz, Eugênio de Andrade, Armando Silva Carvalho e, novamente, Carlos de Oliveira.

A passagem do século XVI ao século XX expõe que há, sim, um retorno do épico, mas que, para entendermos essa *volta*, é preciso que o *poema nos ensine a interpretar entreditos*. É justamente por essa luz que Silveira constrói a leitura de seus autores mais apreciados, fazendo-os dialogar em *liberdade livre*. Ao interrogar os escritores supracitados em cada um dos artigos que compõem a seção, Silveira resgata um processo de interação entre passado e presente que prepara a leitura do futuro. Mas o importante desse gesto é o produto ético dele esboçado: apresentar o legado clássico e sua reverberação (acertada ou consertada) no construto contemporâneo.

Temos, ainda, uma quarta volta – intitulada “Sumário lírico” – composta de três artigos que falam das relações luso-brasileiras. O primeiro cuida de ler Ruy Belo, poeta à época inédito em publicações brasileiras<sup>1</sup>, por meio de uma carta fictícia para um possível editor.

---

<sup>1</sup> O poeta português teve uma coletânea de seus poemas editado no Brasil pela editora carioca 7letras em 2013.

Já o segundo texto analisa o poema “Brasília”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, e apresenta reflexões sobre a própria construção do poema, uma leitura de sua primeira versão e, em especial, a relação do poema com o contexto da posse de Jair Bolsonaro como presidente. Há, em extremo, o terceiro artigo que analisa o diálogo da poesia brasileira com a poesia do restante do mundo, com destaque para a poesia portuguesa. Nele, o autor mostra que sua reflexão sobre a cultura lusa não está em conformidade com a realidade brasileira, um espaço de referência que permite a integração da lusofonia no mundo contemporâneo.

Por fim, há também um texto final que, dividido à parte no sumário do livro, apresenta-se junto à quarta volta: continuidade em texto desgarrado, volta à parte. Nele estão amalgamados três textos: um inquérito originário de um blog; um texto-conversaço (escrita criativa) entre um *autor-cineasta* e um *leitor-espectador*; e, por fim, um curto texto inédito que coloca em diálogo Fiana Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge e Maria Gabriela Llansol, cânone de eleição de Jorge Fernandes da Silveira em sua trajetória como professor e leitor de poesia. Plural em sua singularidade, o texto remete à volta maior, aquela que implica fechar o livro e abri-lo novamente para a volta-releitura.

Entre passado e futuro, épico e ético, habitação e navegação, instaura-se Jorge Fernandes da Silveira e sua maneira de apresentar o literário e sua realização. *O retorno do épico e outras voltas* (2023) oferece ao leitor um caminho “certo”, um modo de leitura, um mundo descoberto. Será esse mundo “o lado épico da verdade” (Benjamin, 1985, p. 201)? Que nos responda Jorge Fernandes da Silveira em novo livro que ansiosos esperamos.

RECEBIDO: 25/01/2024

APROVADO: 17/02/2024

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, W. Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *O retorno do épico e outras voltas*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2023.

## MINICURRÍCULO

**NEFATALIN GONÇALVES NETO** é Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST). Possui experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária e em Outras Literaturas Vernáculas, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura Portuguesa Contemporânea (em especial, leituras das obras de José Saramago, Jorge de Sena e Dulce Maria Cardoso), releituras da literatura clássica (intertextos com a obra dos comediógrafos Plauto e Terêncio), O insólito ficcional e a questão da duplicidade na literatura.